
A PERSONALIZAÇÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO – A PERCEÇÃO DOS ALUNOS

Helder Lopes¹, Joana Simões¹, António Vicente², João Prudente¹ & Catarina Fernando¹

¹Universidade da Madeira.

²Universidade da Beira Interior

Educar é desenvolver as capacidades e potencialidades de cada um e não formatar em função de padrões pré-estabelecidos. Contudo, o sistema educativo continua, predominantemente, entrincheirado e aprisionado numa escola do século XIX.

Não são de hoje as reflexões e propostas para alterar este estado de coisas (veja-se por exemplo, Dewey e Montessori), sendo que atualmente muitos alegam que apesar dos constrangimentos institucionais já fizeram uma rotura que lhes permite educar de forma personalizada.

Realizámos um estudo com alunos universitários para caraterizar a sua perceção sobre os comportamentos que lhes foram solicitados ao longo do percurso escolar e verificámos que, independentemente do nível e ano de escolaridade, maioritariamente a Memorização e a Reprodução foram os mais percecionados, enquanto a Criatividade teve um valor residual.

Mais um indicador de que a Escola e a Universidade parecem continuar a preparar para o passado.

Palavras-chave: Processo pedagógico, personalização, perceção, alunos.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, de uma forma sucinta, problematizamos o papel do sistema educativo na atualidade e as respostas que (não) consegue dar.

Considerando que o aluno deve ser o centro do processo pedagógico, defendemos que a perceção que o mesmo tem sobre esse processo se deve constituir como um elemento fundamental a considerar no sentido de controlarmos se estamos a conseguir passar a mensagem e a solicitar e induzir os comportamentos que se pretendem.

Nesse sentido apresentamos e analisamos sumariamente alguns dados de um estudo exploratório realizado com alunos da licenciatura em Educação Física e Desporto da Universidade da Madeira, sobre a perceção que têm acerca dos

comportamentos que predominantemente lhes foram solicitados ao longo do seu percurso escolar no ensino secundário e no ensino superior.

ENQUADRAMENTO DO PROBLEMA

Considerando que Educar é desenvolver as capacidades e potencialidades de cada um e não formatar em função de padrões pré-estabelecidos, no seguimento dos trabalhos que temos vindo a desenvolver (a título de exemplo veja-se os que colocamos nas referências bibliográficas), podemos afirmar que o sistema educativo continua, predominantemente, entrincheirado e aprisionado numa escola do século XIX.

Ou seja, continua teimosamente em estado de negação, não querendo perceber, ou querendo fazer crer que não percebe, que já não consegue dar resposta aos principais problemas que hoje se colocam e conseqüentemente às necessidades e motivações daqueles que deveriam ser o centro de todo o processo pedagógico, os alunos.

Infelizmente, não se trata de um facto novo, aliás as reflexões acerca desta questão, bem como propostas para alterar este estado de coisas já vêm de há muito tempo (veja-se por exemplo, Dewey e Montessori).

Contudo, muitos dos implicados no fenómeno educativo alegam que apesar dos constrangimentos institucionais, já fizeram uma rotura que lhes permite educar de forma personalizada.

Mas de que rotura estarão a falar?

Para que nos possamos centrar no essencial, a título de exemplo, consideremos três tipos de processo pedagógico: 1- Transmitir e os alunos fixam e reproduzem; 2- Transmitir as bases teóricas e deixar os alunos pensar/fazer em cima disso; 3- Trabalhar em cima do que o aluno sente (e/ou faz).

A maioria dos profissionais, generalizadamente está no primeiro, com algumas incursões no segundo, julgando que se está a fazer a rotura necessária. Desconhece ou não sabe operacionalizar o terceiro.

Mas será isto normal? Por exemplo, quantos Doutoramentos e Mestrados se fizeram em Portugal nas últimas décadas? O que mudou no processo pedagógico utilizado na Escola em geral e na Educação Física em particular? Quantos mestres e doutores são docentes nas Escolas e lecionam Educação Física? Que influência isso teve nas escolas/aulas/alunos?

Não, não é normal que o processo pedagógico continue a preparar para o passado. Mas tal não é uma surpresa, pois acaba por ser uma consequência de grande parte da investigação realizada no âmbito da Educação em geral e da

Educação Física em particular se continuar a fazer no âmbito da “Ciência Normal” de que nos falava Kuhn (1962).

Argumenta-se que tem de ser! Que é este tipo de investigação que se tem de fazer! Que é isso que interessa! Que há concursos a ganhar para progredir na carreira, etc. Pelo que, não podem “sair da caixa”.

Temos de reconhecer que em boa parte para quem aposte no carreirismo académico ainda é verdade (muito por cobardia de uns e uma questão de incomensurabilidade entre paradigmas de muitos outros). Contudo, é necessário não esquecer que, por exemplo, “os ditos especialistas e fazedores de opinião” de “Wall Street”, Lehman Brothers, Agências de rating, BPN, BPP, BES, disseram o mesmo. Também disseram que era o que estava a dar, que os outros eram idiotas e fracós, que a ética “era uma treta”, que quem não seguia as suas pisadas e conselhos e os criticava só estavam a desculpar-se por não conseguirem fazer o que eles faziam...

Não nos vamos repetir ... existe diversa bibliografia a denunciar a situação e a propor alternativas (inclusive ao nível da Educação Física e Desporto).

Entretanto, como se nada se passasse, lá vamos tentando “tapar o sol com uma peneira”, veja-se por exemplo, a “excitação” de muitos responsáveis e dos mais variados implicados no processo educativo (políticos, diretores de escolas, professores, encarregados de educação e até alunos) com os rankings nacionais das escolas baseados nos exames e com os rankings internacionais baseados no PISA e afins. Sendo que mesmo a esse nível esquecem algo fundamental como seja o tipo Homem que se está a formar. A esse respeito, atente-se nas seguintes palavras de Andreas Schleicher (2016), diretor do departamento de Educação e Competências da OCDE *“O sucesso educativo já não reside maioritariamente na reprodução de conteúdos, mas na extrapolação daquilo que sabemos e na sua aplicação criativa a situações novas. Ou seja, o mundo já não recompensa as pessoas apenas por aquilo que sabem — o Google sabe tudo — mas por aquilo que conseguem fazer com isso. Por isso, a educação tem cada vez mais que ver com o desenvolvimento da criatividade, do pensamento crítico, da resolução de problemas e da tomada de decisões; e com formas de trabalho que implicam comunicação e colaboração (...)* Se olharmos para os dados do PISA, os alunos portugueses tendem a ter boas prestações em tarefas que exigem uma reprodução dos conteúdos ensinados na escola. Mas não são tão bons ao nível da aplicação criativa dos conteúdos. Nesse sentido, as escolas portuguesas ainda não fizeram a transição do século XX para o século XXI”.

Perante uma declaração de tamanha gravidade e de certa maneira arrasadora para o nosso sistema educativo, feita por um alto responsável da OCDE, seria normal que a mesma tivesse tido algum impacto relevante. Que fosse analisada publicamente, que tivesse despoletado algum debate e reflexão, etc. Mas não.

Tanto quanto nos é possível perceber foi ignorada, tendo-se continuado alegremente a assobiar para o lado num frenesim de auto elogios para ficar com os louros dos pretensos sucessos.

Ora, não podemos esquecer que é difícil converter conhecimento em valor quando se apela fundamentalmente à memorização e reprodução. Por isso, não é de estranhar quando tanto nos lamentamos da falta de produtividade do país, da falta de espírito empreendedor e de preparação para nos adaptarmos a situações imprevistas, etc.

Mas existem alternativas. Desconhecê-las é a mais pura ignorância. Conhecê-las e não as saber implementar é um indicador de incompetência. Conhecer alternativas, saber implementá-las e não o fazer é desonestidade.

A PERCEÇÃO DOS ALUNOS

Se, tal como é apregoado nos mais variados fóruns, do palco académico ao político, o aluno deve estar no centro do processo pedagógico, pensamos que, um dos aspetos que não deve ser descurado é a “auscultação” dos próprios alunos. A este nível a sua perceção sobre os processos que vivenciam ou vivenciaram pode assumir um carácter muito importante para perceber se há coerência entre o discurso e o percurso que é seguido. Ou seja, por exemplo, se estamos ou não a solicitar e a induzir os comportamentos que queremos.

Realizámos um estudo exploratório com alunos universitários para caracterizar a sua perceção sobre os comportamentos que lhes foram predominantemente solicitados ao longo do percurso escolar. Numa primeira fase centrámos a nossa atenção ao nível do ensino secundário (Simões, Fernando & Lopes, 2016) e numa segunda fase ao nível do Ensino Superior Universitário.

A amostra foi constituída por 41 alunos do 1ºciclo da licenciatura em Educação Física e Desporto da Universidade da Madeira, com idades entre 18 e 41 anos ($X=22,02$ anos), 27 do género masculino e 14 do género feminino.

A recolha dos dados foi efetuada através de um questionário fechado (anónimo), onde os alunos eram questionados sobre idade, género, ano que frequentavam e sobre qual o tipo de comportamento que mais lhe tinha sido solicitado em cada uma das disciplinas que tiveram no Ensino Secundário e no Ensino Superior. O questionário foi enviado através de email com um link de modo a que os alunos pudessem responder ao mesmo (recolha realizada através da plataforma online Google Docs). Foi estipulado um prazo de quinze dias para obter as respostas.

Posteriormente foi realizado o tratamento dos dados recolhidos, através de estatísticas básicas: média, desvio padrão e percentagens. Utilizámos o programa Microsoft Office Excel 2016 para a análise dos mesmos.

No que respeita ao Ensino Secundário, foi possível constatar (Simões et al., 2016) que os alunos percecionaram que maioritariamente a Memorização e a Reprodução foram os comportamentos mais solicitados (63%). Sendo que, apenas em quatro disciplinas (Educação Física, Aplicações Informáticas, Psicologia e Sociologia) é que a Memorização e a Reprodução foram menos solicitados que a Criatividade, Autonomia, Pesquisa e a Montagem de Estratégias em conjunto (Gráfico 1).

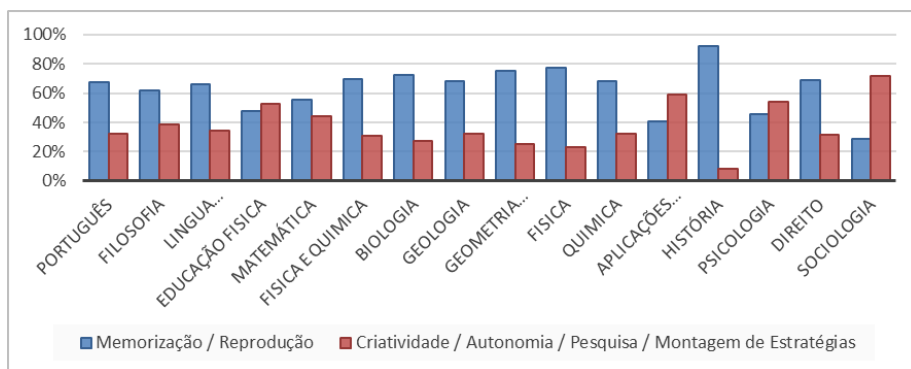


Gráfico 1 - Perceção dos alunos sobre os comportamentos solicitados no Ensino Secundário.

Já no que se refere especificamente à disciplina de Educação Física, constatou-se que 46,3% dos alunos referiu a Reprodução como o comportamento mais solicitado, seguindo-se a Autonomia e a Criatividade com 24,4% e 14,6%, respetivamente.

Se já era muito preocupante o panorama do Ensino Secundário, no Ensino Superior não melhora. Quando questionámos qual o tipo de comportamento que foi mais solicitado em cada uma das disciplinas (Gráfico 2), a Memorização (29%) e a Reprodução (28%) foram de longe os comportamentos mais percecionados. Sendo que, a Criatividade (5%) assume um valor residual.

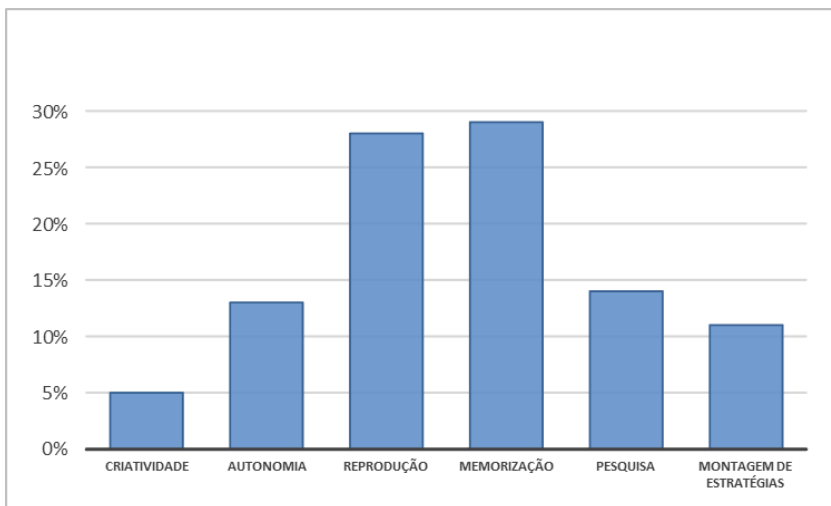


Gráfico 2 - Percepção dos alunos sobre os comportamentos solicitados no Ensino Superior.

Sendo ainda mais preocupante e diríamos mesmo muito grave que os alunos tenham a percepção que a situação não se altera no decorrer do curso. Antes pelo contrário, por exemplo, a Memorização e a Reprodução assumem os valores mais elevados no 3º ano e a Autonomia e a Pesquisa diminuem depois do 1º ano (Gráfico 3)!

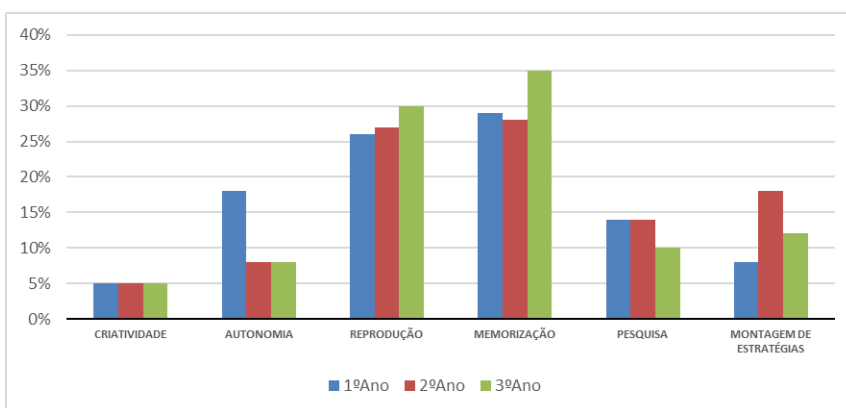


Gráfico 3 - Percepção dos alunos sobre os comportamentos solicitados no Ensino Superior em cada ano do curso.

Quando analisamos os dados relativos apenas às unidades curriculares de estudos práticos (Gráfico 4), onde se poderia levantar a hipótese de existir alguma

modificação relativamente ao panorama encontrado nas outras disciplina cuja componente teórica pode assumir uma maior relevância (o que é muito discutível diga-se) verificamos que a Reprodução (35%) é o comportamento percecionado como o mais solicitado e que o segundo mais solicitado é a Memorização (18%). A Montagem de Estratégias (11%) e a Criatividade (6%), os percecionados como sendo os menos solicitados. Ou seja, no essencial não existem alterações.

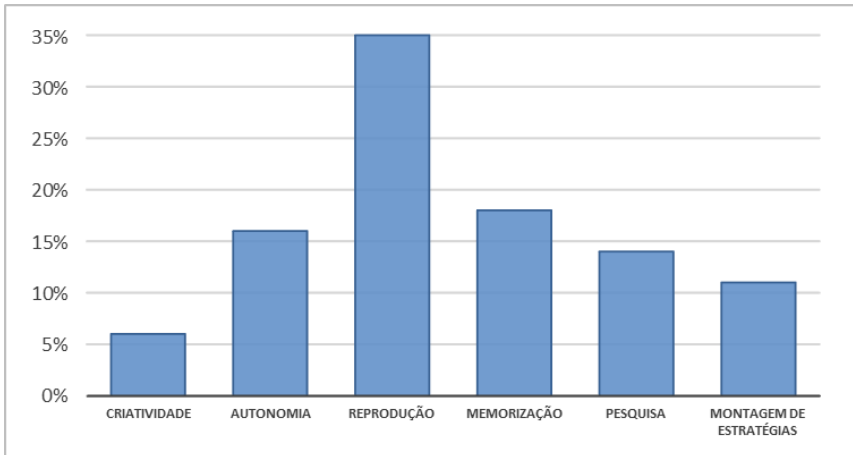


Gráfico 4 - Percepção dos alunos sobre os comportamentos solicitados no Ensino Superior nas disciplinas de Estudos Práticos.

Os alunos continuam a ter basicamente uma percepção semelhante acerca dos comportamentos que lhes foram solicitados. O que não sendo surpresa não deixa de ser muitíssimo preocupante.

Em síntese, de uma forma muito sucinta, verificámos que, independentemente do nível e ano de escolaridade, maioritariamente a Memorização e a Reprodução foram os comportamentos solicitados mais percecionados, enquanto a Criatividade teve um valor residual.

Sem queremos agora neste trabalho explorar mais aprofundadamente as causas e razões específicas para os dados obtidos, nomeadamente qual a percepção que os alunos têm do que são os comportamentos solicitados característicos de cada uma das categorias apresentadas e se os professores de cada uma das unidades curriculares tem ou não a intencionalidade de solicitar predominantemente os comportamentos que os alunos percecionam, um dos aspetos que gostaríamos de realçar é que, tendo ou não razão, ou melhor, correspondendo ou não a percepção dos alunos com o que efetivamente é solicitado, é preocupante a percepção que eles manifestam.

Ou seja, estamos perante um grave problema, pois, por exemplo:

- Se os comportamentos que estão a ser solicitados são os que os alunos efetivamente percebem, então estamos claramente perante uma flagrante contradição e um claro desfasamento em relação ao que está plasmado na legislação, na missão da universidade e nos objetivos do curso, etc.;
- Ou então a percepção dos alunos não corresponde ao que é solicitado e podemos estar perante uma situação em que o processo pedagógico, pelo menos aparentemente, não está a conseguir passar a mensagem, mesmo que subliminarmente, da necessidade de uma rutura com o que está instituído, sendo necessário recentrar a preocupação com o desenvolvimento de forma personalizada de capacidades e competências que emergem como fundamentais na formação de um Homem que esteja preparado para um mundo em constante e acelerada mudança, em que a imprevisibilidade parece assumir uma importância crescente.

Ora, a este nível, sem serem as únicas, a autonomia, a criatividade, a pesquisa e a montagem de estratégias, devem estar na linha da frente das preocupações de uma sistema educativo que procure formar Homens que no mínimo não se constituam como “desadaptados sociais” num mundo em permanente mudança, como anteriormente referenciamos.

Em qualquer dos casos, e em jeito de provocação, diríamos que muito possivelmente estes resultados podem ser entendidos como mais um indicador de que a Escola e a Universidade parecem continuar a preparar para o passado.

Um trabalho com estas características, na linha do que Gennes (1995) refere como um tipo de investigação que deve ser privilegiado, pode e deve ser utilizado para que os próprios investigadores tenham dados que lhes permitam analisar a coerência entre o que defendem e dizem fazer e aquilo que efetivamente fazem. Assim, decidimos analisar a percepção dos alunos nas disciplinas em que temos participação direta.

A título de exemplo, das quatro disciplinas em que estamos envolvidos ao nível da licenciatura (Gráfico 5) é possível constatar que ao contrário dos dados anteriores, os alunos têm a percepção que os comportamentos que lhes são mais solicitados nestas disciplinas são a Montagem de Estratégias e a Pesquisa.

Contudo, não deixa de ser relevante e preocupante (em relação ao que defendemos) que a Reprodução e a Memorização sejam o segundo e terceiro comportamentos mais solicitados ao nível de da Pedagogia do Desporto e que a Criatividade tenha um valor tão residual em três disciplinas, sendo mesmo inexistente numa delas.

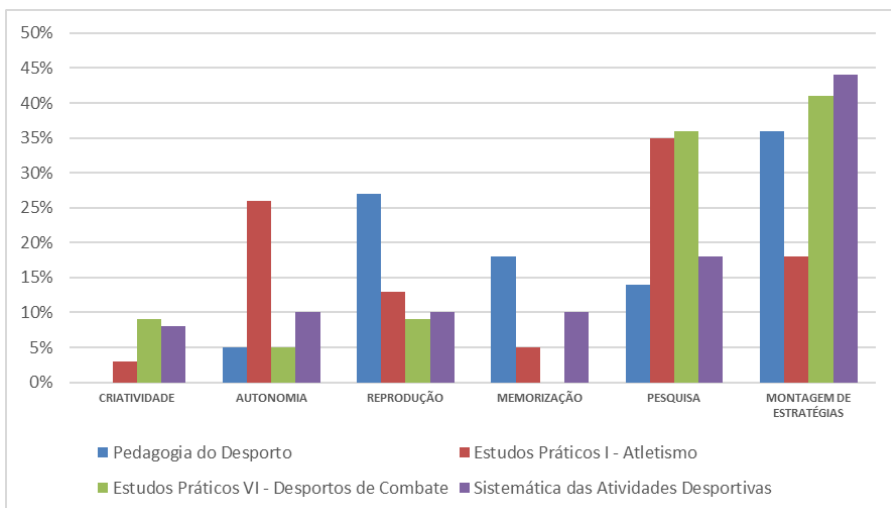


Gráfico 5 - Percepção dos alunos sobre os comportamentos solicitados no Ensino Superior nas disciplinas em que alguns dos autores tem participação direta.

Este caso parece-nos ser elucidativo da importância da monitorização do trabalho que se desenvolve. Não podemos dar por garantido que a utilização de alguns instrumentos e técnicas é suficiente para que se desenvolva o que se pretende, nomeadamente, a título de exemplo, é um grave erro pensar que basta conhecer e dominar o espetro dos estilos de ensino (Mosston & Ashworth, 1994) e utilizar predominantemente os estilos do lado direito da barreira da descoberta que solicitam operações cognitivas como comparar, contrastar, colocar hipóteses, resolver problemas, extrapolar, etc. por oposição aos estilos do lado esquerdo que solicitam fundamentalmente a memorização e a evocação, para que se solicitem comportamentos mais produtores que reprodutores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se defendemos que Educar é desenvolver as capacidades e potencialidades de cada um e não formatar em função de padrões pré-estabelecidos. Se queremos um Homem com espírito crítico, autónomo e criativo, que tenha capacidade de adaptação e que saiba tomar decisões em situações críticas, ... não basta ter Discurso. É imperioso que exista coerência com o Percurso.

É assim, necessário que se monitorize permanentemente o processo pedagógico para que o diagnóstico-prescrição-controlo seja feito de forma

personalizada, em tempo útil e com custos que sejam comportáveis para todos os intervenientes.

Não podemos por isso, deixar de investir no desenvolvimento de processos e instrumentos que nos permitam ter uma intervenção rentável e coerente, numa relação dinâmica onde impere o Rigor e a Precisão seja a possível para que não se perca a Objetividade.

Uma vez que Educar tem sempre consequências, é desejável que sejam aquelas que se pretendem... não é mais aceitável e tolerável que por ignorância, incompetência e desonestidade se continue a hipotecar o futuro de gerações e gerações de crianças e jovens...

REFERENCIAS

- Gennes, G. (1995). Dis ...pourquoi. *Sciences et Avenir*, Hors-Séries (Avril), 4-8.
- Kuhn, T. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lopes, H. (2015). Pedradas no Charco – Contributos para a rotura do processo pedagógico. Funchal: Universidade da Madeira.
- Lopes, H., Vicente, A., Prudente, J. & Fernando, C. (2015). As macro opções da escola – O discurso e o percurso. In Fraga, N. & Kot-Kotecki, A. (Orgs.). *A Escola Restante* (pp. 124-131) Funchal: CIE-UMA.
- Lopes, H. (2014). Avaliação Sumativa – O erro do avaliador. In Lopes, H., Gouveia, R., Alves, R. & Correia, A. (Coord.). *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 104-114). Funchal: Universidade da Madeira.
- Lopes, H. (2014). O PNEF – Instrumento Facilitador ou Inibidor da Rotura no Processo Pedagógico? In Lopes, H., Gouveia, R., Alves, R. & Correia, A. (Coord.). *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 116-121). Funchal: Universidade da Madeira. ISBN: 978-989-8805-00-3.
- Lopes, H., Barros, C., Prudente, P., Vicente, A., Simões, J. & Fernando, C. (2015). A Escola e o Turismo: O Desporto como polo atractor. *Journal of Sport Pedagogy & Research*. 1(7), 6.
- Lopes, H., Vicente, A., Simões, J., Barros, F. & Fernando, C. (2013). A Funcionalidade do Processo Pedagógico. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(2), 54-65.
- Lopes, H., Vicente, A., Prudente, J., Simões, J. & Fernando, C., (2016). Contributos para a rotura do processo pedagógico – Operacionalização ao nível do Atletismo e do Judo em contexto escolar. In *Atas do Seminário Desporto e Ciência 2016* (pp. 10-15). Funchal: Universidade da Madeira.
- Lopes, H., Prudente, J., Vicente, A. & Fernando, C. (2014). Uma Mudança Coerente no Ensino Superior – A Ferramenta Processo Pedagógico. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(5), 55-60.
- Lopes, H., Vicente, A., Prudente, J., Simões, J. & Fernando, C. (2015). O Laboratório no Processo Pedagógico. In *Atas do Seminário Desporto e Ciência 2015* (pp. 10-14). Funchal: Universidade da Madeira.
- Mosston, M. & Ashworth, S. (1994). *Teaching Physical Education*. New York: Macmillan College Publishing Company.
- Schleicher, A. (2016). As escolas portuguesas ainda não fizeram a transição do ensino do século XX para o século XXI. *Expresso*, acessado a 16 de setembro de 2016 em <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-04-30-As-escolas-portuguesas-ainda-nao-fizeram-a-transicao-do-ensino-do-seculo-XX-para-o-seculo-XXI>.

Simões, J., Fernando, C. & Lopes, H. (2016). A perceção do processo pedagógico no Ensino Secundário. In *Atas do Seminário Desporto e Ciência 2016* (pp. 58-64). Funchal: Universidade da Madeira.